

A TIRANIA DA APARÊNCIA: A VAIDADE COMO DOMINAÇÃO

Ignez Magalhães de Alencastro, Francisco Romão Ferreira e Eliane Portes Vargas

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim
magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas, e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.
Eu não dei por conta desta mudança
tão simples, tão certa, tão fácil.
– Em que espelho ficou perdida minha face?

Cecília Meirelles, “Retrato”. In: *Flores de Poemas*

Introdução

O presente trabalho tem como proposta uma reflexão sobre os valores envolvidos na busca da juventude como padrão de beleza a partir da análise do filme *Escravas da vaidade*¹⁹.

Este filme chinês, escrito por Lilian Lee e dirigido por Fruit Chan, foi lançado em 2004 e faz parte de uma trilogia transcultural oriental denominada Três Extremos, todos categorizados como drama terror (RAMOS, 2011). Ele retrata a história da sra. Li, uma ex-atriz, mulher rica e da sociedade chinesa de Hong Kong. A traição de seu marido com uma mulher bem mais jovem desperta nela o desejo de retomar a imagem corporal que possuía à época em que era atriz, quando o conheceu e se casaram. Nesta busca, a sra. Li encontra uma mulher que a promete o rejuvenescimento através da ingestão de bolinhos confeccionados por ela, e de acordo com um segredo milenar. A título de contextualização da ambientação onde o filme está situado, a China do século XXI é um país que ultrapassa 1,3 bilhão de pessoas e que contrasta sua característica proeminentemente agrícola com a de uma potência econômica industrial formada não só por chineses, mas por tibetanos, mongóis, mulçumanos e diversas etnias em convívio entre si.

¹⁹ Tal proposta é fruto da disciplina “Cinema, Comensalidade e Subjetividade” realizada no Programa de Pós-graduação em Nutrição da Universidade Estadual do Rio de Janeiro UERJ, que abordou o cinema, suas dimensões e os aspectos metodológicos da análise fílmica a partir de filmes relacionados à comensalidade, no Rio de Janeiro, em 2016.

Em sua história milenar, a China, e seu povo, traz uma relação particular não só com a questão corporal, mas também com a beleza e a alimentação. A vaidade como um valor predominante de dominação pode ser observada na questão corporal modelação do corpo, cujo terrível sacrifício dos pés pequenos das mulheres constitui caso exemplar, e na arte de sedução das concubinas. Quanto à alimentação, os chineses possuem um vínculo muito forte com a comida, fazendo desta um traço cultural. Cláudia Trevisan, em sua viagem à China, relatou que essa força ligada à comida era demonstrada até pouco tempo com um cumprimento entre as pessoas: “Você já comeu hoje?”. A culinária, de enorme diversidade, é uma arte comparada à música, à pintura e à dramaturgia (TREVISAN, 2009).

O mote do filme traz a reflexão sobre as transgressões realizadas, bem como seus limites, para se alcançar um corpo ideal sob a dominação da vaidade, da imagem e da beleza jovem sedutora. Tal repertório conduz o leitor, em meio às nuances ofertadas pela relação entre as personagens, a uma reflexão sobre a vaidade de modo a contemplar este tema, articulando-o à comensalidade e à ética.

Vaidade, do latim *vanitas*, de acordo com dicionário *Aurélio* (HOLLANDA, 2002), é a qualidade do que é vão, vazio, oco ou com falta de realidade, substância ou firmeza. Como objeto de reflexão filosófica, a vaidade esteve presente desde a Antiguidade, entre os filósofos e na mitologia grega. Encontramos também no ensaísta do século XVI Michel de Montaigne (1998) a vaidade pensada amplamente em ângulos que nos permitem ver com clareza ‘a vaidade das coisas’, como nos convida Comte-Sponville (1998), aquela identificada em toda sorte de discursos, incluindo uma vasta gama de experiências humanas, como a vaidade da sabedoria. Particularmente, neste aspecto, trata-se de tema muito atual, considerando as inúmeras disputas de sentidos observadas nos mais variados campos do conhecimento quanto à abordagem de determinados temas.

Assim sendo, este trabalho visa também dar sua contribuição ao campo da Alimentação e Cultura na medida em que valoriza o cinema como possibilidade de nos sensibilizar, a todos, frente às amarras impostas aos homens quanto à necessidade de manter suas aparências. Como exemplo mais candente dessa situação, temos a busca incessante de ‘boa forma’ física ligada aos ideais de beleza.

Em uma acepção mais contemporânea, vaidade é um adjetivo comumente relacionado à futilidade, à arrogância, à presunção e ao orgulho, podendo ser observado tanto em uma dimensão física quanto mental, moral ou subjetiva. A vaidade é

geralmente considerada um aspecto significativo da cultura ocidental moderna, principalmente quando vinculada à busca de padrões de beleza e consumo impostos pela indústria e pela mídia, como descrito por Abdala (2008). Entretanto, embora esta característica esteja fortemente associada a um modelo socioeconômico de uma determinada sociedade, ela também se vincula, e é perpassada por elas, a questões psíquicas, como o desejo e a conquista sedutora e amorosa. Nesta direção, tais aspectos poderiam indicar, de certo modo, tratar-se de um aspecto que é parte de uma característica universal.

A atividade analítica aplicada a filmes e de acordo com determinada perspectiva se realiza fundamentalmente em duas etapas. A primeira, chamada de decomposição ou *decoupage*, preocupa-se com a extração e separação de seus materiais constitutivos e observação das partes relevantes para posterior destaque. Na segunda, o trabalho é de reconstrução, a fim de estabelecer relações entre os elementos destacados (SEABRA, 2014). Nesta reconstrução três aspectos foram selecionados: a discussão da beleza como busca do rejuvenescimento, a análise sobre o que se é capaz de fazer para realizar tal objetivo e a reflexão sobre a escravidão da aparência. Desta forma, para situarmos as cenas que foram selecionadas para discussão, optamos por descrever alguns diálogos que estarão indicados por sua marcação no tempo do filme. Outro aspecto significativo é a escolha da dimensão ou campo a ser trabalhado. Nesta perspectiva, das diversas dimensões que podem subsidiar uma análise fílmica, como por exemplo, as dimensões formais, a técnica e a pedagógica, direcionamos nosso olhar para a dimensão social, a comensalidade e a ética, buscando indicar suas estreitas relações nem sempre evidentes.

A busca pelo corpo jovem

O início do filme é marcado pela chegada de táxi da sra. Li, uma rica aristocrata chinesa, em um conjunto habitacional na periferia de Hong Kong. A sra. Li procura Tia Mei, uma mulher que promete o rejuvenescimento através do consumo de bolinhos feitos por ela. Tia Mei já a aguardava (cena: 3'10'') com os ingredientes para preparar os bolinhos e com um discurso direcionado para convencer a cliente de que seu produto realmente funcionava. Assim começa um diálogo (cena: 5'52''), em que Tia Mei pergunta quantos anos a sra. Li lhe daria. A sra. Li diz que no máximo 30 anos e fica impressionada, pois ela não tem nem rugas. Tia Mei então afirma que é bem mais velha e que por isso a chamam de Tia, sem contudo informar a idade. A anfitriã aproveita para reforçar, então, que seus bolinhos valem a pena e que ela própria é a melhor propaganda

do seu produto. Ansiosa, desconfiada, desconfortável e, ao mesmo tempo, esperançosa, a sra. Li aguarda sua poção milagrosa. Mas como explicar esta atitude de nossas personagens, tão presente na sociedade contemporânea, de atribuírem a uma substância o excepcional poder de rejuvenescimento que supostamente resultaria na mais genuína beleza do corpo?

A percepção da beleza, do embelezamento do corpo e do seu significado ao longo da história sofreu profundas transformações. Da mística mitologia, à poética do romantismo e à racionalidade científica, o corpo e sua identidade imagética fazem parte de uma construção social que relaciona subjetivamente o belo às diversas dimensões de uma sociedade. Este fato normalmente é representado na arte, na estética e na filosofia como descrito na História da Beleza nos livros de Umberto Eco (2016) e Georges Vigarello (2006). Consideramos, neste aspecto, tratando-se das personagens discutidas no filme, especialmente as imagens do corpo no que tange à construção da feminilidade.

A construção do ideal de beleza do corpo feminino na contemporaneidade trouxe uma nova identidade corporal assentada em valores pueris e egoicos estimulados pela economia liberal cuja égide do consumo impõe padrões a serem seguidos. A preocupação excessiva com a beleza, a magreza, a juventude, bem como o vigor físico, induz desde o consumo de substâncias diversas, como nutracêuticos, funcionais, ortomolecular, até a adoção das dietas restritivas – em geral, da moda – ou a realização de inúmeros procedimentos de cirurgia plástica. Esta construção corporal ideal ocorre em um cenário de muitas mudanças em relação à participação das mulheres na sociedade em termos das conquistas no plano de direitos sociais. No entanto, a liberdade como um valor conquistado pelas mulheres, como os direitos legais e a amplitude do campo profissional, contrapõe-se a uma brutal imposição da necessidade de atender a esse novo conceito da imagem estabelecida socialmente como novas formas de controle disciplinar (FERREIRA, 2011). Embora a questão da beleza se expresse muito significativamente nos corpos femininos, sobretudo da sociedade contemporânea, de acordo com a literatura filosófica o controle dos corpos quer se exprimir na associação entre vaidade e beleza, mas, sobretudo, na busca pela juventude, que apresenta traços universais a serem considerados.

Para Abdala (2008), a filosofia, por meio das diversas correntes de pensamento, comunga do entendimento de que há uma universalidade nos mecanismos da vaidade atuando como um mecanismo social de controle dos corpos. O corpo como instrumento de sedução e conquista reforça tal fato e contribui para aumentar o mercado de

cosméticos, da atividade física, das cirurgias plásticas e das dietas da moda. A vaidade exerce um fascínio, pois se relaciona não somente à beleza, mas também a aspectos como o sucesso, o amor, poder. Além disso, segundo Abdala (2008), há a percepção de que o corpo jovem é mais valioso no mercado da competição pelo afeto e pela sedução, o que provoca uma busca incessante e uma insatisfação instigadas pela sociedade de consumo, que vislumbra sempre potencializar suas vendas. Sendo assim, o corpo como produto da elaboração social e cultural passa também a ter como referencial a sua utilidade mercadológica.

O impacto deste culto ao corpo é mais agressivo quando da descoberta do início da velhice. Este período é marcado por alterações biológicas, como o aparecimento de rugas, flacidez tecidual e de redução ou interrupção da fertilidade e capacidade física. Estas modificações corporais trazem consigo sentimentos de angústia e depressão, pois são interpretados como um sinal de redução do poder de sedução, de doença, de finitude e desqualificação das outras dimensões do ser humano (CABEDA, 2009). Ao observarmos uma de nossas personagens no filme em análise, esses aspectos são marcantes, determinando que a sra. Li busque, e insista em alcançar, um produto milagroso para rejuvenescer, motivada pelo fato de que seu marido possui uma amante bem mais jovem e ela acredita que seu poder de sedução estaria centrado somente na corporalidade jovial.

O desconforto desta personagem com a imagem refletida no espelho é um ponto relevante no filme. Inicialmente, como uma passagem rápida sem fixar o rosto (cena: 7'33"), observando o ambiente (cena: 18'41"); depois, uma visão turva (cena: 21'48"), e após consumir os bolinhos (cena: 24'19") a imagem no espelho começa a ter foco (cena: 29'07") e a refletir o rosto e o corpo. Neste momento, o diálogo da sra. Li com Tia Mei reforça a insatisfação com a própria imagem e com a pele que ainda está flácida. Mediante tal desapontamento, a sra. Li enfatiza a necessidade de algo mais potente, mais forte e que tenha resultado mais eficaz. Esses planos marcados no filme sugerem um conflito com o reflexo do corpo, uma imagem de si não reconhecida, e demonstram o estranhamento e a rejeição da própria aparência no processo de envelhecimento. O espelho funciona, neste caso, ao mesmo tempo, como uma metáfora da constituição da própria identidade, da subjetividade e da imagem social. O corpo biológico é transformado pelo ideal social de beleza e a natureza, pela cultura, adiando ou retardando o curso natural do envelhecimento. Nesse sentido, o envelhecimento do corpo biológico que aparece no espelho faz surgir uma forma de modelação da

identidade que nega a passagem do tempo e busca outras alternativas. A imagem refletida no espelho traduz este conflito entre o tempo da natureza, o tempo da cultura e a vaidade humana, que atravessa os gêneros, pois o marido da Sra. Li também busca alguns artifícios para retardar a passagem do tempo.

Novaes e Medeiros (2005), ao investigar qual a função psíquica da estética na constituição das subjetividades femininas, discutem a imagem da mulher justaposta à da beleza, da saúde e da juventude. Respondendo sempre ao desejo e ao olhar do outro, a aparência ganha um significado relevante advindo da regulação social dos corpos e da necessidade de apresentar corpos malhados, saudáveis, jovens e na moda, o que muitas vezes circunscreve a relação do feminino com a estética na ordem de uma adição. Essa afirmativa é justificada pelos pesquisadores: “Ser vista é uma condição *sine qua non* da relação entre o sujeito feminino e o outro, não só para seduzi-lo e dele obter seu amor, mas antes, para, através dele, conservar o amor do superego e preservar os ideais do Eu.” A estética e seu excesso teriam como função principalmente “apaziguar a angústia quando recobre o vazio e produzir prazer quando circunscreve o desejo”. Cabe ressaltar que esta busca pela beleza não é um atributo apenas do sexo feminino, porque os homens também possuem vaidade corporal, preocupam-se com a beleza, com o envelhecimento e com as perdas decorrentes da passagem do tempo. O mercado já percebeu este conflito e, cada vez mais, cria produtos que prometem retardar o envelhecimento e manter a beleza da juventude.

O início da modificação corporal e da imagem na velhice é tão significativo e marcante diante do olhar do outro e de uma provável nova identidade que Corrêa (2003) chegou a propor que essa fase estaria, por semelhança, associada a uma reedição do “estádio do espelho” proposto pelo psicanalista Jacques Lacan. Segundo Lacan, o estádio do espelho está relacionado ao momento em que a criança se reconhece e inicia a formação do eu, da organização da estrutura do sujeito e torna claro o lugar simbólico que o outro ocupa. Assim, embora de forma controversa, Carlos Pinto Corrêa argumenta que, diante da angústia pela modificação corporal, pela deterioração biológica e pela aproximação com a finitude da vida, o sujeito realizaria um segundo encontro com o “estádio do espelho” para uma reorganização de si, a ressignificação do sujeito com a sua imagem e o outro (CORRÊA, 2003).

E é na perspectiva do olhar do outro que a sra Li. sempre procurou enquadrar seu desejo. Primeiramente, como atriz, no olhar do público; depois, quando abandona sua profissão para se casar, buscando o olhar do marido como referência da beleza a ser

atingida. Da mesma forma, é por causa do olhar do outro que o marido consome ovos e roupas que rejuvenescem. Ambos buscam a aprovação social, ou, pelo menos, tentam fugir do desprezo social que está presente no processo de envelhecimento.

Bolinhos que rejuvenescem

A história dos bolinhos que rejuvenescem existe na China há mais de 1400 anos, segundo Tia Mei (cena: 7'40"), e tem como contradição as posições frente ao bolinho dos povos do norte e do sul da China. Os nortistas sempre diziam que a boa sensação vem do cochilo e do bom gosto. Os sulistas nunca acreditaram nisso e acham que o bolinho só contém farinha. A sra. Li estava apreensiva em consumir os bolinhos (cena: 10'57), sabia do seu conteúdo. Nervosa, deixa o primeiro cair no chão, momento em que Tia Mei o pega, afirmando que ele é muito nutritivo. Para convencê-la, Tia Mei afirma:

Os cosméticos dizem que contém ninho de pássaro, pó de pérola, ginseng, e tudo mais, geleia real. Quem se importa? Para as mulheres rejuvenescerem é preciso começar de dentro. Só minha receita secreta pode fazer isso. Pense nos resultados e não no que era (cena: 11'57").

E, então, a sra. Li começa a comer os bolinhos. Neste momento, Tia Mei informa que parte do processo inclui cantar uma música antiga, de sua juventude, como forma de entretenimento. Tia Mei relata que se formou em medicina, onde, segundo ela, só os melhores se formavam, e durante muito tempo trabalhou com cirurgia que sangra, mas na realidade realizava abortos na China. Aprendeu a arte milenar dos bolinhos que rejuvenescem, que contêm farinha, repolho, cebolinha, gengibre e o ingrediente principal, que são os fetos dos abortos.

Para compreendermos como Tia Mei se enquadra neste cenário, voltemos um pouco o olhar para a história da China no que concerne à prática do aborto, assunto conflituoso e com repercussões nos direitos humanos. A grande explosão demográfica ocorrida na China, com a redução da taxa de mortalidade e a elevação da expectativa de vida com a entrada do sistema comunista no país, preocupou os líderes do governo, que consideravam que tal crescimento inviabilizaria o projeto de qualidade de vida da população. Assim, o controle de natalidade proposto pelo governo chinês foi instituído, inicialmente, de forma branda, em 1970, com campanhas educativas e distribuição de métodos contraceptivos e persuasão para dois filhos por família (de onde, aparentemente, surge a frase: um é pouco, dois é bom, três é demais). Em 1980, com a

mudança de governante esse programa foi reformulado. De maneira mais drástica, o controle populacional passava a contar com uso de violência, abortos e esterilização forçados, o limite passou a ser somente um filho por casal e a questão de gênero se fortaleceu, pois havia uma valorização intensa do filho homem (TREVISAN, 2009).

Em algumas cenas, Tia Mei faz referência ao ato de comer carne humana como canibalismo. O canibalismo, segundo Tia Mei, não tem o objetivo de servir como alimento na sua característica nutricional, mas sim como importante transmissor de energia vital capaz de rejuvenescer. Tal qual uma poção mágica, o feto carregaria uma vitalidade pura e alquímica capaz de incorporar características mágicas com poderes rejuvenescedores. Para minimizar o peso moral do canibalismo e naturalizar este ato, reafirma ser tal prática considerada milenar e natural principalmente por nobres e guerreiros, que a utilizavam como fonte de oferenda e vitalidade.

Referências a práticas de canibalismo sempre existiram nas mais diversas épocas e sociedades. Desde a chamada pré-história – como fato comprovado ou através de mitos ou relatos –, o canibalismo está, ou esteve, presente na Grécia, em Roma, na Alemanha, na África, na França, no Brasil, como regras sociais ou exceções a estas, principalmente em tribos. As circunstâncias, motivações e valores envolvidos permitem traçar uma distinção mesmo quanto à forma como são nomeadas (CARVALHO, 2016).

De acordo com a definição, canibalismo significa o ato de comer carne humana com o objetivo de acabar com a fome. O consumo de carne humana com características ritualísticas está relacionado à antropofagia. Repleta de simbolismo, a antropofagia tem como fim adquirir alguma essência do ser que está sendo ingerido, como a bravura ou a vitalidade. A antropofagia, segundo Agnolin (2002), possui um significado sociocultural de determinadas tribos ou sociedades que é carregado de simbolismo místico: reflete a necessidade da absorção de uma característica da personalidade consumida ou é um ato de vingança. Visaria à preservação da memória, seja ela identitária ou energética e sutil, como no caso do filme analisado, no qual o que está em questão é a vitalidade jovem.

Em seu estudo, “Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá”, Agnolin afirma que a antropofagia está sempre em relação à cultura, e assim relata que:

A relação entre valor nutritivo e valores simbólicos é, portanto, um mecanismo complexo que responde à complexidade das hierarquias sociais e a reforça. Quanto mais o rito alimentar assume esta configuração complexa, tanto mais carrega-se de valores simbólicos dificilmente subordináveis ao valor nutritivo. O condicionamento que recebemos deste retículo simbólico

oculta e condiciona nossas escolhas alimentares, ao ponto em que os alimentos e as práticas alimentares, diferentes das nossas preferências culturalmente dadas, podem provocar um tal desgosto, de outra forma não compreensível. O próprio “choque cultural” do explorador, do etnólogo, do missionário ou do colonizador, enfim do “estrangeiro”, em face de uma desconhecida (no sentido de não reconhecida) etiqueta, transforma a diferente prática alimentar em um signo de “barbarização”, de ausência de civilização ou, pior ainda, faz dela o signo privilegiado da ausência de humanidade. Além de suas proteínas simbólicas, tanto a alimentação quanto a prática antropofágica, que nos interessa de perto, são marcadas por sua ritualidade. (AGNOLIN, 2002, p. 135).

Outro fato relevante no filme é a semelhança com o ritual, sempre significativo para a antropofagia. Tia Mei procura realizar um pequeno ritual com um ântico de sua juventude enquanto a sra. Li está consumindo o bolinho. Entretanto, a mesma parece não se importar com a ritualística realizada e em uma das cenas deixa Tia Mei fazer a cantoria sozinha (cena: 29’20”). Ela só valoriza o efeito. Tal atitude pode caracterizar uma contradição, pois estamos diante de um conflito conceitual. Longe está de ser canibalismo, pela ausência do consumo para matar a fome, e distante da antropofagia, pois não há nenhum valor ritualístico ou simbólico para a sra. Li. Este fato evidencia uma relevância exclusiva do consumo, por si só, puramente imagético e individualista.

A escravidão da aparência

Capítulo 5 do filme (cena: 34’18”). A sra. Li, após um acesso de raiva, pois descobriu que o marido não estava viajando, mas que se encontrava com a amante, vai com Tia Mei até sua casa, que está em obras, a fim de destruir a criação dos ovos “balas” que ele consome. O plano do alto mostra a casa desorganizada, em obras, e o diálogo entre Tia Mei e a sra. Li demonstra sua insatisfação com o resultado do tratamento com os bolinhos. Ela necessita de algo mais potente. Tia Mei enfatiza que precisa de tempo para conseguir os bolinhos mais eficazes na medida em que estes são mais raros e devem ser preparados com fetos de cinco meses. Trata-se de um aborto muito perigoso, delicado e que necessita de procedimentos muito específicos. A conversa segue e elas falam sobre o passado de cada uma, conforme descrito abaixo:

Cena: 35’47” – Tia Mei: Pela juventude e beleza as mulheres sempre lutam contra a idade.

Cena: 35’54” – Sra Li: Sempre ria quando era jovem. Entrei para TV logo depois do colegial e me tornei uma estrela imediatamente. Li era o patrocinador do meu programa. Nós nos conhecemos quando eu trabalhava como dublê. Caí e ele me segurou.

Cena: 36’16” – Tia Mei: Então se casou com ele.

36'17" – Sra Li: Só tinha vinte anos. Toda garota sonha com um casamento perfeito nessa idade. Ele tinha trinta e poucos e me amava. Achei que seria feliz para sempre.

Cena: 36'31" – Tia Mei: Todos os homens gostam de garotas de vinte anos. Continuam gostando aos 30, 40, 60 e assim por diante.

Cena: 36'41" – Sra Li: É a lei da natureza. Não resistem a uma garota de 20 anos. Eu aceito, desde que ele não se exiba.

Cena: 36'54" – Tia Mei: Os homens são todos iguais. Só querem saber de sexo. O que há de bom em uma garota de 20 anos?

Cena: 37'04" – Sra Li: E você?

Cena: 37'08 – Tia Mei: Batalhei muito para ter minha identidade. Pior. Terminei com meu primeiro amor e casei com um homem inculto. Um cozinheiro. Nós do continente, queríamos vir para Hong Kong na época. Faríamos tudo por uma identidade de Hong Kong. Eu pelo menos. Batalhei para ter minha identidade. Mas também me divorciei. Acho que não se atreveria a se divorciar. Mulheres como você estão em toda parte. Tem sorte de me conhecer. Senão em 5 anos seria a ex-esposa, em 10 anos seria a ex-ex-esposa, em 15 anos não seria nada. Diferente de você eu mando em mim. Você pode ser rica, mas eu sou livre.

A construção do pensamento liberal em torno da autodeterminação, autonomia e liberdade deixou uma ilusão de que as tomadas de decisões a respeito dos diversos conflitos humanos estariam realmente livres de influências. Entretanto, a subjetividade da beleza para conquista, sedutora, encontra-se tão impregnada de símbolos impostos pelo *status* imagético apregoado pela sociedade que não se encontra livre. O aspecto dessa relação dominação/sujeição do corpo demonstra sua dinâmica psíquica associada às normas culturais e sociais, com significativas diferenças no que concerne aos mundos masculinos e femininos, como expressam as personagens. No entanto, cabe observar que os homens também se encontram submetidos às normas que organizam esses mundos, como se verá adiante expresso no personagem do marido da sra. Li. Isto reforça a manutenção do controle disciplinar proposto por Foucault (1987), em que o corpo é vítima do controle social e sujeito à imposição das forças do mercado. Assim, há uma falsa ideia de liberdade sem restrições que tem por objetivo um ideal de beleza e imagem que insere a subjetividade do corpo em uma dimensão econômica e na eterna insatisfação dos desejos imposta por um sistema que estimula o desejar e valoriza a aparência, desencadeando uma tirania estética do consumo. Dessa maneira, a beleza é construída conforme os padrões definidos pelo mercado (NOVAES, 2013), que atualmente enfatiza um corpo saudável, magro e jovem.

Nesta busca para alcançar o padrão imposto, justificam-se comportamentos de consumo alimentar restritivo, como dietas da moda, dietas à base de poucos alimentos

(por exemplo, a da proteína e carboidratos de baixo índice glicêmico), assim como os exageros de cirurgias plásticas. No caso do envelhecimento, Cabeda (2009) ressalta que o aprisionamento a todo e qualquer procedimento que retarde o envelhecimento ou recupere a juventude é uma tentativa de escapar da desqualificação que o envelhecimento traz.

Um dos desdobramentos imprevisíveis deste filme é o ultrapassar dos limites do valor moral da vida até mesmo para defensores do aborto, para os quais a vida só começa com a formação total do sistema nervoso do feto. Antes deste momento, o aborto não seria considerado um crime contra a vida. A sra. Li rompe este limite, pois necessita de um bolinho mais potente com um resultado mais rápido e este resultado só seria possível com bolinhos de fetos de cinco meses de gestação. Em nome da busca da juventude a qualquer preço termina por, não só consumir um bolinho com o feto com cinco meses de gestação, mas induzir o aborto da amante do marido, também nesta idade gestacional, e ela mesma realizar a confecção do bolinho. Neste aspecto, Ferreira (2011) sinaliza que:

“Os valores e os sentidos que atuam na construção da *individualidade* ou da *singularidade* dos sujeitos são influenciados por parâmetros cada vez mais distantes, voláteis e imprecisos, com *desdobramentos* imprevisíveis. Percebemos também que essa construção estética dos sentidos do corpo se confunde com a construção ética e política dos discursos, que são vários, com perspectivas diferentes, as vezes antagônicas, mas que compõem esse caleidoscópio de imagens, sentidos e valores com os quais os sujeitos hoje pensam a sua dimensão corporal, constroem sua identidade ou singularidade, e quem sabe, no futuro construirão uma nova corporalidade.” (FERREIRA, 2011, p. 4).

A imagem propagada pela mídia, cada vez mais presente como parâmetro a ser alcançado, do corpo jovem, saudável e magro, sustentado pela indústria cosmética e pela sociedade de consumo, influencia os valores que sustentam as relações humanas e incentiva uma subjugação ao desejo insaciável, a todo tipo de vaidade e à escravidão.

Ressaltamos que, embora o título do filme traga uma ideia de gênero, considerando que somente as mulheres estariam envolvidas com a escravidão da vaidade, o marido da sra. Li também percorria um caminho semelhante, ingerindo embriões de patos (bala) para obter uma maior vitalidade como potência e energia sexual. Assim, a escravidão é construída de acordo com as necessidades da biopolítica e do biopoder, para moldar principalmente os corpos de seguidores de padrões de beleza insistentemente ditados, seja pela moda, pelo consumismo ou pelas questões de gênero que a eles se associam.

Reflexões e inquietudes

Diante de todos os significados que o corpo representa nas diversas áreas do conhecimento, o sentido que o corpo assume na subjetividade do belo e da sedução em *Escravas da vaidade* é a busca pela imagem do corpo biologicamente jovem. É interessante perceber que mesmo possuindo condições de realizar procedimentos de cirurgia plástica e adquirir os cosméticos mais eficazes, a sra. Li busca algo além do biológico. Procura o riso fácil de outrora, a essência e o frescor da juventude. A imagem jovem necessita estar vinculada a um estado de espírito. Este fato foi enfatizado em duas cenas em que seu marido lhe cobra que ela já não sorri mais, nem mesmo com presentes, como cheques vultosos. Ao ingerir o bolinho ultrapoderoso não é o físico que modifica aos olhos do expectador, mas sim sua fisionomia que se torna mais leve e sorridente, o que imediatamente é percebido pelo marido. Seria então mais significativo e atraente o estado de espírito do que o corpo e a carne rija e jovem? Em busca deste objetivo, seriam a sra. Li e Tia Mei amorais nos atos que cometeram? Não existe ausência de valores. Eles estão sempre alocados em algum lugar a partir das escolhas que foram fundamentadas pela sociedade e pela educação recebida para construção humana. O conflito primordial desta situação se encontra nas diversas dimensões dos valores da vida. Há um deslocamento em considerar o valor intrínseco da vida para uma dimensão instrumental, que leva em conta que a vida só vale a pena ser vivida se com uma aparência jovem, assim como uma alteração nos níveis hierárquicos onde a força da estética sobrepuja os valores morais (CASTILLO, 2002).

A tirania da aparência está presente quando, em seu aspecto extremo, o desejo está muito além das possibilidades reais e o excesso da vaidade deflagra disfunções mentais, como os observados no ideal de um corpo jovem, no caso da sra. Li, ou extremamente musculoso pelo excesso de atividade física, na vigorexia, ou magro, na anorexia.

Poderia, então, a vaidade-assumir um valor relevante e positivo quando encarada como uma forte motivação para realizações humanas? Provavelmente sim. Principalmente quando viabiliza uma vida saudável, que permita aceitação com cuidado, sem excessos, controles ou adições patológicas. Cientistas, desportistas, filósofos, artistas, escritores, políticos foram e são motivados por essa energia chamada vaidade para construir trabalhos e obras importantes para a sociedade. (MURCHO, 2011). Entretanto, como pondera Desidéro Mucho (2011), o ato em si realizado sob o

domínio da vaidade não assume um valor positivo, pois “há uma discrepância entre o genuíno valor alcançado e a pueril motivação que lhe serviu de base”.

Ainda assim, acreditamos que sem excessos, e sem instituída por uma relação de tirania com os sujeitos, a vaidade possa ajudar na autoestima destes frente às diversas dimensões e desejos de suas vidas. Embora, segundo Stroeberg (apud NOVAES, 2013), “A autoestima terá sempre, como referência, a estima percebida pelo olhar do outro que pode estar alocado em diferentes personagens, o marido, as outras mulheres, os amigos, o público”, o que não deixa de ter seu aspecto escravizante.

A beleza do corpo se torna, então, o passaporte para a felicidade e reflete o jogo simbólico do nosso tempo, espelhando também uma sociedade marcada pela valorização do narcisismo, do hedonismo e do consumismo. Ela se transforma no elemento principal da constituição da identidade do sujeito na sociedade. A construção da identidade está atrelada à vaidade, e, em alguns casos, a (re)construção do corpo, via cirurgias plásticas ou tratamentos de beleza, é um dos mecanismos de reconstrução da identidade, da autoestima e do estabelecimento da relação com o mundo (FERREIRA, 2001). A beleza do corpo, então, se transfigura no elemento principal que dá sentido à existência e converte homens e mulheres em escravos(as) da vaidade.

E você, comeria os bolinhos da Tia Mei para ter de volta a beleza perdida?

Referências

- ABDALA, P.R.Z. *Vaidade e Consumo: como a vaidade física influencia o comportamento do consumidor*. 2008. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14147/000656887.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23/8/2016.
- AGNOLIN, A. Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 45(1): 131-185, 2002.
- CABEDA, S.T.L. Uma Estranha no Espelho: Feminilidade, Imagem Corporal e Envelhecimento na Contemporaneidade. *Sitientibus*. Feira de Santana, n. 41, p. 195-209, jul./dez. 2009.
- CARVALHO, E.K. Canibalismo e antropofagia: do consumo à sociabilidade. Texto integrante dos *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP – USP. 8 a 12 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Eliane%20Knorr%20de%20Carvalho.pdf>>. Acesso em: 15/8/2016.
- CASTILLO, E.G. La Tirania de la Belleza, un problema educativo hoy. La estética Del cuerpo como valor y como problema. *Teor. Educ*, 14, p. 185-206, 2002.
- COMTE-SPONVILLE. A. Prefácio In: MONTAIGNE, M. de. *Sobre a Vaidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 93p

- CORRÊA, C.P. Visão psicanalítica da idade numerada. *Revista Cogito*. Salvador, v. 5, 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cogito/v5/v5a05.pdf>>. Acesso em: 5/8/2016.
- ECO, H. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014. 438 p.
- FERREIRA, R.F. *Ciência, arte e cultura no corpo. A construção de sentidos sobre o corpo a partir das cirurgias plásticas*. Curitiba: Editora CRV, 2011. 185 p.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOLLANDA, A.B. *Aurélio. Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.
- VIGARELLO, G. *A História da beleza. O corpo e a arte de embelezar, do renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 247 p.
- MONTAIGNE, M. de. *Sobre a Vaidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 93p
- MURCHO, D. A Incoerência da Vaidade. In: *Crítica na Rede*, publicado em 6/2/2011. Disponível em: <<http://criticanarede.com/vaidade.html>>. Acesso em: 12/9/2016.
- NOVAES, J. V. *O intolerável peso da feiura – sobre mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio-Garamond, 2013. 272 p.
- NOVAES, J. V.; MEDEIROS, S. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza, 1(1):109-144, 2005.
- PENAFRIA, M. Análise de filmes: conceitos e metodologias. In: *Resumos do 6º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*. BOCC: Lisboa, 2009, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 21/8/2016.
- RAMOS, L. Uma apreciação acerca de “Escravas da Vaidade”, um excelente filme chinês. Segunda-feira, 13 de junho de 2011. Disponível em: <<http://programacinemafalado.blogspot.com.br/2011/06/uma-apreciacao-acerca-de-escravas-da.html>>. Acesso em: 15/06/2016 completar
- SEABRA, J.S. *Cinema: tempo, memória, análise*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- SZAPIRO, A.M.; RESENDE, C.M.A. Juventude: Etapa da vida ou estilo de vida? *Psicologia & Sociedade*, 22(1): 43-49, 2010.
- TREVISAN, C. *Os Chineses*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 334 p. (Coleção Povos & Civilizações).